



UM OLHAR SOBRE OS MIRANTES DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO, BRASIL

Margareth Figueiredo

Universidade Estadual do Maranhão - UEMA margothgf@hotmail.com

Palavras-chave: tipologia, sistema construtivo, pau a pique

Resumo

São Luís do Maranhão possui um significativo acervo arquitetônico e urbanístico, remanescente dos séculos XVIII e XIX, inscrito, em dezembro de 1997, como Patrimônio Mundial da UNESCO. O mirante, elemento arquitetônico que se destaca no casario, é um dos símbolos da identidade cultural da cidade, sendo tema recorrente de exposições fotográficas e obras da literatura maranhense. Seu sistema construtivo, misto de alvenarias de pedra e cal e pau a pique, ainda é pouco estudado. O presente artigo tem como objetivos: apresentar o sistema construtivo dos mirantes de São Luís; mapear as tipologias dos mirantes do centro histórico; conhecer e valorizar os elementos de arquitetura de terra do sistema construtivo tradicional dos mirantes. A abordagem metodológica para o desenvolvimento da presente pesquisa constou de revisão bibliográfica, pesquisa de campo, onde se recolheram dados sobre os mirantes (tipologias e técnicas construtivas), complementada com uma pesquisa documental nos órgãos públicos locais e regionais. Com a sistematização, análise e interpretação de toda a informação recolhida sobre os mirantes de São Luís pretende-se contribuir para a sua valorização e para a criação de dados que auxiliem na definição de estratégias adequadas para sua preservação.

1. INTRODUÇÃO

Deste mirante de mil sonhos
perdidos e inexplicáveis
miro-te no reflexo das telhas
seculares testemunhas de luas e sóis
que iluminaram paixões e desejos
dos amantes desta cidade.
(Cécio, 2004, p. 34)

Os telhados coloniais com suas coberturas em telha cerâmica do tipo capa e canal e águas com inclinações em ângulos e recortes variados, além de protegerem as edificações contra as intempéries, e promoverem o conforto térmico-acústico, somam ao casario de sítios históricos uma beleza singular. Nos núcleos brasileiros, como Ouro Preto, Olinda e São Luís, que tiveram a sua formação urbana no período colonial, com implantação em sítios com topografia plana ou acidentada e ruas tortuosas ou ortogonais, são os telhados das casas e sobrados, com suas cumeeiras apontadas, mirantes¹, águas furtadas e as torres das igrejas barrocas, que determinam no horizonte um perfil que confere identidade formal a cada cidade. O mirante é um elemento arquitetônico presente em muitas cidades portuguesas e brasileiras. Em São Luís, é considerado como um dos símbolos arquitetônicos mais representativos da morfologia urbana da cidade, devido à presença constante em muitos sobrados e moradas. Por essa distinção que atribui valor cultural e autenticidade ao patrimônio edificado de São Luís, foi destaque nacional, em setembro de 2009, pelos Correios com o lançamento do selo "Os mirantes de São Luís" (figura 1).

Mesmo sendo um elemento de importante valor simbólico e artístico para a cidade de São Luís, poucos são os trabalhos científicos que tratam sobre sua origem e técnica construtiva. O presente artigo tem como objetivo apresentar um breve estudo sobre a técnica construtiva, a tipologia e o estado de conservação dos mirantes, como contributo para sua preservação.

¹ Construções acima do telhado de um edifício, provida de janela ou abertura que permitem a visibilidade para o exterior (Corona; Lemos, 1972, p. 22).



Figura 1. Selo “Os Mirantes de São Luís”, lançado pelos Correios em setembro de 2009
(Fonte: Arquivo do IPHAN, 3ª SR)

2. ASPECTOS HISTÓRICOS

O expressivo acervo de arquitetura civil edificado em São Luís, em meados do século XVIII e século XIX é um testemunho da prosperidade econômica do Estado do Maranhão, tendo como base a agroexportação do arroz e algodão. Essa fase de crescimento foi impulsionada, inicialmente com incentivo do Marquês de Pombal com a criação, em 1755, da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, se prolongou até meados do século XIX. Além do incentivo à produção agrícola a Companhia facilitava a sua exportação aos acionistas, colocando dessa forma o Maranhão no circuito internacional de exportação de produtos agrícolas, principalmente do algodão e arroz.

Segundo Figueiredo e Venâncio (2009, p. 10), a origem dos mirantes pode ser atribuída a herança que o acervo arquitetônico de São Luís apresenta por meio das técnicas construtivas trazidas pelos portugueses desde o período colonial, consolidando-se que a partir da metade do século XVIII, até o final do século XIX, sob forte influência da arquitetura pombalina, cuja fachada apresentava sempre trapeiras², elementos arquitetônicos que guardam semelhanças com o mirante. Pois, de acordo com Cóias (2007, p.71) “as coberturas do edifício pombalino são constituídas por telhado de telha de canudo [...] existem trapeiras, destinadas a melhorar o arejamento e a iluminação, permitindo a utilização habitacional do último piso”. Considerando-se que nas edificações em São Luís praticamente não existem trapeiras, acredita-se que o mirante, espaço habitável utilizando-se o desvão do telhado, possa ser também uma solução de ventilação e iluminação inspirada nas trapeiras da arquitetura pombalina, no entanto, não encontramos documentação que possa comprovar essa hipótese.

Quanto ao uso e função do mirante, Barreto (1938) atribui ao professor Rubem Almeida a informação de que eles foram construídos com uma função específica de avistar os sinais dos navios quando entram no porto de São Luís, pois,

de acordo o código de sinais, semafóricos para o dia, para noite cromático, os grandes comerciantes, seus proprietários, entravam em franca comunicação com os navios muito antes de demandarem a barra, sobre a alta ou baixa de preços, quer dos gêneros a chegar, quer dos a partir, entre os quais sobrelevava o algodão, Barreto (1938, p. 211).

Cita ainda que o escritor Aluísio Azevedo descreve que nesses mirantes dormiam os empregados da loja, e conclui “que ambos podem ter razão, o primeiro por ser grande conhecedor da história do Maranhão, o segundo por ser retratista da vida social de sua terra” Barreto (1938, p. 211).

² Abertura no telhado, guarnecida de caixilho, que permite a entrada de ar e luz ao interior da construção. Clarabóia. Janela de águafurtada (Corona; Lemos, 1972, 455).

Outro importante documento do século XIX, contendo elementos que possibilitam retratar a configuração urbana do casario, é o Recenseamento da População de São Luís no ano de 1855, (tabela1). Trata-se do manuscrito existente no acervo do Arquivo Público do Estado do Maranhão, com anotações do trabalho realizado por João Nunes de Campos, engenheiro civil formado em 1843 na Escola Central de Paris.

Tabela 1: Recenseamento da população de São Luís em 1855 (adaptado de Martins, 1998).

Classificação	Especificação	Subtotal	Total
População	Livre	5.395	9.000
	Escravo	3.605	
Edifício Público	Edifício Público	15	15
Edifício Particular	Sobrado	303	1.065
	Mirante	35	
	Casa Térrea	727	
Propriedade Particular	Casa em construção	26	86
	Terreno por construir	60	

Inicialmente, o engenheiro João Nunes de Campos tinha um plano para registrar toda a população da capital, no entanto, por motivos alheios ao seu propósito, o recenseamento ficou circunscrito à área da cidade mais adensada na época, correspondente a oitenta quarteirões (figura 2), “compreendidos nos limites seguintes: rua da Cruz, rua de Santo António, rua do Ribeirão, rua das Barrocas, rua do Egito, beco do Machado, praias do Caju, Pequena, Grande, das Mercês, do Desterro, do Portinho e largo da Fonte das Pedras” (Martins, 1998, p.176). Os dados do censo revelam um perfil importante desse trecho da cidade, com uma população de nove mil indivíduos distribuídos 303 sobrados e 1.065 casas, destacando-se o registro no censo de que 35 dessas edificações possuíam mirantes.

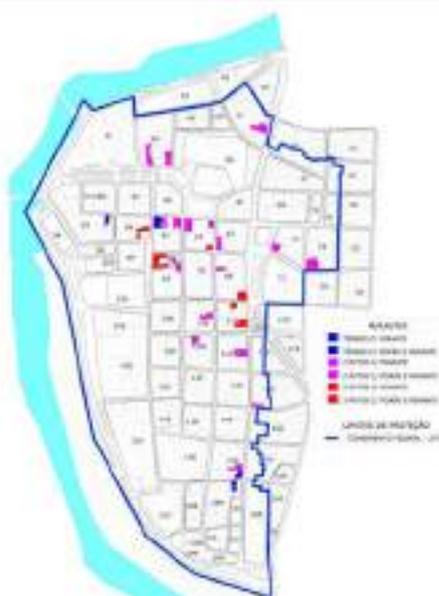


Figura 2. Mapa de imóveis com mirantes no centro histórico de São Luís (Figueiredo, 2014, p.89)

3. CARACTERÍSTICAS CONSTRUTIVAS

Diferente das águas-furtadas e das mansardas, que são vãos entre as tesouras do telhado, formando um sótão com janelas que se abrem na mudança de inclinação e prolongamento das águas do telhado, o mirante é uma construção que se eleva acima do telhado, aproveitando parte do vão da cobertura, complementando um piso a mais nas casas térreas ou sobrados. Situa-se, na maioria dos casos, no eixo central da fachada. Apesar de possui

escada independente, essa posição está diretamente relacionada à circulação vertical, ou seja, a escada principal do imóvel.

Em São Luís os mirantes, estão presentes em várias edificações como em solares, sobrados e casas térreas (figura 3). Apresentam-se principalmente, em imóveis com gabarito variando entre um a três pavimentos. Em casos mais raros, encontram-se alguns imóveis que possuem mais de um mirante (figura 3D).

O sistema construtivo do mirante, apresenta dois tipos de alvenaria, as de pedra e cal que correspondem a parede frontal e posterior, e se apoiam diretamente sobre as paredes mestres da edificação principal. As paredes laterais, como surgem em trechos intermediários da sala ou quarto do andar inferior, utilizam apenas apoio nas extremidades, que sustentam uma peça de madeira. Por essa razão têm a sua alvenaria em material mais leve, como a taipa de mão ou pau a pique, executada sobre essa viga de madeira, que funciona como se fosse um baldrame, onde são fixadas as peças de pau a pique, para armar a trama de varas, e por último é feita a vedação com barro. As dimensões construtivas dos mirantes, em termo de áreas e pé direito, variam de acordo com as tipologias das edificações, sendo maiores em sobrados e solares.

O telhado apresenta três ou quatro águas, com acabamento frontal e posterior em beiral arrematado por cimalha e nas laterais, arremate com cachorros de madeira. Segundo Silva Filho (1986, p. 108) “Os mirantes apresentam-se em geral, com coberturas de quatro águas e com cumeeira perpendicular à fachada, variando conforme o partido. Os beirais internos são em cachorros de madeira ou em caibro corrido”, em alguns casos, com tábua de beira. Para proteger as paredes laterais de taipa durante os seis meses do ano (janeiro a junho) de intensidade de chuva em São Luís, as alvenarias são revestidas em telha cerâmica do tipo capa e canal, em casos mais raros algumas são parcialmente revestidas com azulejos.

O acesso ao mirante é feito por escada mais estreita que a principal, de um único lance, raramente helicoidal. Internamente, embora com altura mais reduzida que os outros ambientes do imóvel possuem pé direito uniforme. Os materiais de acabamento da fachada e do ambiente interno são semelhantes aos dos outros ambientes do imóvel, ou seja, janelas com balcão sacado ou entalado, piso em assoalho, paredes rebocadas e forro em madeira do tipo saia e camisa ou régua lisas.

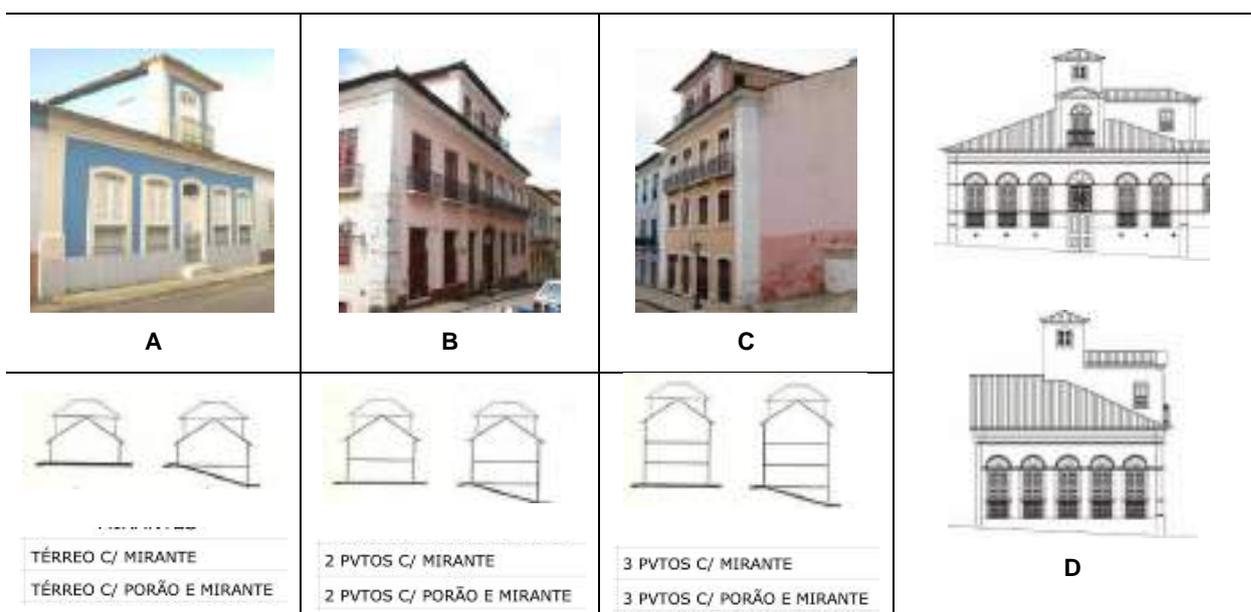


Figura 3. – A) morada inteira com mirante; B) solar de dois pavimentos com mirante; C) sobrado de três pavimentos com mirante, D) casa térrea com três mirantes (Figueiredo, 2014, p. 91).

4. CONCLUSÃO

Os mirantes de São Luís, na sua volumetria, forma e função não correm risco de desaparecer, pois se apresentam como elemento arquitetônico que atribuiu, ao longo do tempo, valor de identidade e autenticidade ao patrimônio cultural local, sendo até reproduzidos em edificações contemporâneas em outros bairros da cidade. O mesmo não se pode afirmar sobre a sua técnica construtiva. Registra-se um número significativo de intervenções que mantêm as alvenarias em pedra e cal que correspondem a parede frontal e posterior, e substituem as paredes laterais, em alvenaria de taipa de mão por tijolos cerâmicos. Como essas paredes são executadas sobre uma viga de madeira, que funciona como se fosse um baldrame, onde são fixadas as peças de pau a pique, para armar a trama de varas, altera-se todo o sistema construtivo, para introduzir, no lugar do antigo baldrame, uma viga de concreto para apoiar a nova parede de tijolo cerâmico, a exemplo do que aconteceu, no Palácio Cristo Rei, sede da Reitoria da Universidade Federal do Maranhão, após o incêndio de 1991.

Desse mesmo modo no que se refere à preservação das alvenarias de terra do tipo taipa de pilão, adobe e taipa de mão, ainda existentes no centro histórico de São Luís, todo o acervo encontra-se em risco de ser, aos poucos subtraído e/ou substituído por alvenaria de tijolo cerâmico ou outros materiais contemporâneos. Algumas dessas alvenarias são substituídas durante as intervenções devido à falta de conhecimento técnico científico sobre o restauro e mão-de-obra especializada na aplicação de técnicas apropriadas à sua recuperação. Além das intervenções sem critério técnico que promovem demolições por considerarem essas técnicas obsoletas. As edificações em taipa de pilão, que hoje se encontram em número bastante reduzido são um exemplo do risco de subtração do acervo de arquitetura de terra, pois, segundo Silva Filho (1986, p. 100) “os relatos históricos dão conta de uma boa quantidade de prédios públicos, privados e igrejas construídos nesse sistema...”.

Considera-se que o valor a preservar em cada edifício histórico não se restringe apenas a elementos isolados, mas sim a conservação da integridade da construção. As intervenções que promovem a remoção das alvenarias internas em terra comprometem o valor de autenticidade do monumento, contrariando um dos princípios básicos das recomendações do ICOMOS (2004).

Conclui-se que ainda se fazem necessários estudos e pesquisas sobre a representação sociocultural e as técnicas construtivas dos mirantes em São Luís do Maranhão, nos diferentes aspectos que envolvem a conservação do patrimônio cultural edificado. O presente artigo não pretende esgotar a discussão sobre o tema, mas contribuir como uma pequena parcela para a salvaguarda do patrimônio cultural edificado em São Luís, na medida em que apresenta um estudo sobre as técnicas construtivas em terra, dos mirantes edificados nos séculos XVIII e XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barreto, P. T. (1938). O Piauí e sua arquitetura. Revista do IPHAN, 2:210-211.
- Cécio, V. (2004). Poesia reunida. São Luís, Brasil: Lithograf.
- Cóias, V. (2007). Reabilitação estrutural de edifícios antigos. Lisboa, Portugal: GECORPA/Editora Argumentum.
- Corona, E.; Lemos. C. A. C. (1972). Dicionário da arquitetura brasileira. São Paulo, Brasil: Edart-São Paulo Livraria Editora Ltda.
- Figueiredo, M. (2014). Valorização do sistema construtivo do patrimônio edificado. Tese (Doutorado em Engenharia Civil). Portugal: Universidade de Aveiro
- Figueiredo, M; Venâncio, L. (2009). A influência pombalina nas edificações dos Centros Históricos de São Luís e Alcântara: Um estudo a partir dos sistemas construtivos. Anais Terra Brasil 2008. São Luís: UEMA/PROTERRA, CD-ROM

ICOMOS. (2004). Recomendações para a análise, conservação e restauro estrutural do património arquitectónico. Portugal: Universidade do Minho, Dep. Engenharia Civil.

Martins, M. B. (1998). Retratos de São Luís: O recenseamento de 1885. In: Estudos de História, São Paulo: Franca. 5(2):173-185.

Silva Filho, O. P. (1986). Arquitetura luso-brasileira no Maranhão. Belo Horizonte, Brasil: Efecê.

AUTORA

Margareth Figueiredo, doutora em Engenharia Civil, Universidade de Aveiro, Portugal, mestre em Desenvolvimento Urbano – MDU/UFPE, arquiteta, professora Adjunta I, Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão. Coordenadora do Núcleo de Estudos Integrados em Conservação Integrada – NEUCI. Desenvolve pesquisas nas áreas de patrimônio histórico, revitalização, preservação, memória e gestão do patrimônio cultural edificado.